



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

IARA MARIA PEREIRA

**A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DE PRÉ-ESCOLA SOBRE A PRÁTICA
DESENVOLVIDA PELA SME DE SOBRAL PARA AVALIAR AS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

SOBRAL-CE

2012

IARA MARIA PEREIRA

A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DE PRÉ-ESCOLA SOBRE A PRÁTICA
DESENVOLVIDA PELA SME DE SOBRAL PARA AVALIAR AS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof. Dr^a. Sinara Almeida da Costa.

SOBRAL-CE

2012

IARA MARIA PEREIRA

A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS DE PRÉ-ESCOLA SOBRE A PRÁTICA
DESENVOLVIDA PELA SME DE SOBRAL PARA AVALIAR AS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação Infantil do
Programa de Pós-Graduação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito para
obtenção do Título de Especialista em
Educação Infantil.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Sinara Almeida da Costa (Orientadora)
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Ms. José Edilmar de Sousa
Prefeitura Municipal de Maracanau (PMM-CE)

Profa. Ms. Camila Barreto Silva
Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF-CE)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
aos meus pais e meu filho, que estiveram ao
meu lado me incentivando para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo e por todos que me deram forças para que eu concluísse este trabalho. Sem Ele, eu não estaria aqui, neste lugar, nesta missão.

Aos meus pais, João Batista e Maria das Graças, pelo amor, pelo incentivo aos estudos, pelo apoio durante esse período de muita dedicação para que eu conseguisse atingir meus objetivos em me tornar uma especialista em Educação Infantil.

Ao meu filho, Yago Pereira, por ensinar-me o verdadeiro significado de ser criança.

Ao Centro de Educação Infantil e a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, que contribuíram para a realização de meu trabalho monográfico.

Às colegas do curso, que me acompanham desde o início deste percurso.

A todos os professores do Curso de Especialização em Educação Infantil, que com sabedoria e dedicação contribuíram para a minha formação.

Em especial quero agradecer à professora Dr^a. Sinara Almeida da Costa, uma professora maravilhosa, que com sua paciência, dedicação e disponibilidade, me orientou transmitindo segurança para que eu pudesse realizar o meu trabalho de conclusão e pela mediação na aprendizagem.

Às professoras, que participaram da pesquisa pela aprendizagem.

Aos meus amigos, que me deram sugestões, compartilharam experiências e ofereceram ajuda.

A todos, muito obrigada!

“Avaliar é essencialmente questionar. É observar e promover experiências educativas [...] do aluno.” (Hoffmann)

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é compreender o que as professoras de pré-escola pensam sobre a avaliação na Educação Infantil, procurando entender, também, quais suas percepções sobre a prática desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do município de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil. Os objetivos específicos são: caracterizar a prática desenvolvida pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil; analisar as concepções das professoras sobre criança e Educação Infantil; entender as concepções das professoras da pré-escola sobre a avaliação na Educação Infantil e compreender a opinião das professoras sobre a prática utilizada pela SME para avaliar as crianças na Educação Infantil. O estudo pautou-se nas ideias de autores como Hoffmann (2003), Bassedas, Huguet, Solé (1999) e Zabalza (2010). A metodologia constou da realização de entrevistas com duas professoras, sendo uma de um Centro de Educação Infantil e outra de uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, do município de Sobral. De acordo com as análises, as professoras percebem a avaliação na Educação Infantil como semelhante àquela realizada no ensino fundamental, desconsiderando as especificidades da educação de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos. Observamos, ainda, a contradição entre os instrumentos utilizados pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil e os objetivos desta primeira etapa da Educação Básica. Tendo em vista a influência da SME nas práticas docentes, percebemos incoerência entre as tendências pedagógicas assumidas e as práticas de avaliação relatadas pelas professoras. Ao levar em consideração que as políticas públicas de Educação Infantil devem desenvolver ações no sentido de contribuir para a construção da identidade dessa primeira etapa da Educação Básica, este estudo aponta para a necessidade de que o município reveja suas práticas avaliativas.

Palavras-chave: Avaliação; Educação Infantil; Professoras de Educação Infantil.

ABSTRACT

The goal of this research is to understand what the teachers of kindergarten and pre-school think about assessment in early childhood education, trying to understand, too, what their perceptions about the practice developed by the city of Sobral SME to assess children from kindergarten. The specific objectives are: to characterize the practice developed by SME Sobral for assessing children from kindergarten; analyze the conceptions of teachers about children and early childhood education; Understand the concepts of teachers in daycare and preschool on the assessment in kindergarten and Understanding the views of teachers about the practice used by the EMS to evaluate children in kindergarten. The study was based on the ideas of authors such as Hoffmann (2003), Bassedas, Huguet, Solé (1999) and Zabalza (2010). The methodology consisted of interviews with two teachers, one of an Early Childhood Center and another at a school Early Childhood and Elementary Education from the municipality of Sobral. According to the analyzes, the teachers perceive assessment as evaluation models that generally resemble the patterns of elementary school, disregarding the specific education of children aged 0-5 years. There is also the contradiction between the instruments used by SME Sobral to assess children from kindergarten and objectives of this first stage of basic education. Given the influence of teaching practices in SME, it is perceived inconsistency between teaching trends and assumed assessment practices reported by teachers. Taking into consideration that public policies Childhood Education should undertake activities to contribute to building the identity of this first stage of basic education, this study points to the need for the municipality review its assessment practices.

Keywords: Assessment, Early Childhood Education; Teachers of kindergarten.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEI	Centro de Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
EI	Educação Infantil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MIEIB	Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SME	Secretaria Municipal de Educação
UEVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú
UFC	Universidade Federal do Ceará
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Avaliação: um tema polêmico.....	17
2.2 Instrumentos avaliativos adequados à Educação Infantil.....	18
2.3 A avaliação no processo de aprendizagem.....	20
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
3.1 A inserção no campo.....	24
3.2 Processo de Coleta de Dados.....	25
3.3 Perfil das Professoras.....	25
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4.1 O sistema de avaliação aplicado pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil.....	27
4.2 A concepção das professoras sobre criança e Educação Infantil.....	29
4.3 As concepções das professoras sobre avaliação na Educação Infantil.....	36
4.4 A opinião das professoras sobre a forma utilizada pela SME para avaliar as crianças na Educação Infantil.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	51

1 INTRODUÇÃO

Ou se tem chuva e não se tem sol,
 ou se tem sol e não se tem chuva!
 Ou se calça a luva e não se põe o anel,
 ou se põe o anel e não se calça a luva!
 Quem sobe nos ares não fica no chão,
 quem fica no chão não sobe nos ares.
 É uma grande pena que não se possa
 estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
 Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
 ou compro o doce e gasto o dinheiro.
 Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
 e vivo escolhendo o dia inteiro!
 Não sei se brinco, não sei se estudo,
 se saio correndo ou fico tranquilo.
 Mas não consegui entender ainda
 qual é melhor: se é isto ou aquilo.
 Cecília Meireles

A avaliação é um tema constante em nosso dia-a-dia, na prática escolar, na interação do nosso cotidiano, em casa, em nossa trajetória profissional, durante o lazer. A avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos, sobre o que estamos fazendo, sobre o resultado de trabalhos (LUCKESI, 1999).

Entretanto, a avaliação em algumas escolas tem tido um significado muito distante da avaliação do nosso dia-a-dia. O processo avaliativo é um dos elementos centrais da escolarização e da prática pedagógica, embora não se restrinja somente à sala de aula, tendo em vista que se realiza em diferentes instituições e relações sociais. Nas pré-escolas a avaliação deve ser processual e visar o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. Ela deve servir, ainda, como instrumento para que o professor acompanhe as conquistas das crianças, suas dificuldades e suas possibilidades.

A Educação Infantil vem sofrendo grandes transformações nas últimas décadas. O processo de construção de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças pequenas foi longo e difícil. Nesse processo, uma nova visão de criança (competente, capaz e produtora de conhecimentos), totalmente diferente da visão tradicional, vai sendo construída. Se por séculos a criança era vista como um ser sem importância, quase invisível, hoje, ao menos nos âmbitos acadêmico e legal, ela é considerada em todas as suas especificidades, com identidade pessoal e histórica. Estudos têm mostrado que a primeira etapa da Educação Básica cada vez mais tem sido vista como uma etapa de extrema importância no contexto educacional. Desta forma não podemos mais nos preocupar apenas com o atendimento da criança, numa perspectiva assistencialista, passando a nos preocupar

com o caráter educativo, unindo educação e cuidados, procurando entender a criança de forma integral, onde suas especificidades devem ser respeitadas.

É importante salientar que a visão que temos da criança é algo historicamente construído, por isso é que percebemos os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma aberração, como a indiferença em relação à criança pequena, há séculos atrás era algo normal. Por maior estranheza que cause a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura. Segundo Kramer (1995, p.19),

A ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel da criança na sociedade. Se na sociedade feudal a criança exercia um papel produtivo direto “de adulto” assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser escolarizada e preparada para uma atuação futura.

Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade.

Da mesma forma, a visão sobre a educação destinada a essa criança, também muda, assim como a forma mais adequada e eficiente de avaliá-la.

De acordo com a LDB¹ a avaliação referente à Educação Infantil far-se-á mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, nem mesmo para o Ensino Fundamental.

Neste mesmo sentido, as recentes DCNEI² ressaltam:

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);

III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/ Ensino Fundamental);

IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;

V - a não retenção das crianças na Educação Infantil.

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 1996, título V, capítulo II, seção II, art. 31.

² Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil 2009, art. 10.

Observamos, pois, que as instituições não podem utilizar relatórios, pareceres, avaliações realizadas por professores ou outros profissionais para definir se uma criança deve ou não ser aceita na instituição ou em determinado grupo. A avaliação deve objetivar um conhecimento mais aprofundado das crianças para que os adultos sejam capazes de mediar, de forma mais adequada, as relações entre elas e o ambiente no qual estão inseridas.

Portanto, no contexto da Educação Infantil, a avaliação não deve ser encarada como um julgamento, pois isso seria uma forma de classificar e estigmatizar as crianças, não levando em conta os acontecimentos que acompanham todo o seu cotidiano.

Contudo, como lembra Hoffmann (1996, p.12):

A contradição entre o discurso e a prática de alguns educadores e, principalmente a ação classificatória e autoritária, exercida pela maioria, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua estória de vida como aluno e professor. [...] Temos de desvendar contradições e equívocos teóricos dessa prática, construindo um “resignificado” para a avaliação e desmistificando-a de fantasmas de um passado ainda muito em voga.

Observamos, assim, que a avaliação, muitas vezes, é utilizada de forma arbitrária e contrariando o que está prescrito na legislação. Nesse sentido, é necessário averiguar de que forma está acontecendo à avaliação na Educação Infantil, no intuito de inibir e excluir práticas autoritárias nas pré-escolas. Dessa forma, podemos contribuir para que esse processo que compara e julga as crianças seja modificado por formas e metodologias avaliativas capazes de contribuir para o desenvolvimento das crianças em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, bem como na busca de novos caminhos para uma aprendizagem mais significativa.

Para Gadotti (1991, p. 16) “a avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação”.

É necessário ressaltar que a avaliação é uma prática social e por isso é sustentada pelo conhecimento que se tem sobre o que se está avaliando. Na Educação Infantil, para avaliar (avaliação aqui entendida como acompanhamento, conforme a legislação determina) de forma eficaz é importante que o professor conheça as crianças, seu desenvolvimento, interesses e necessidades reconhecendo cada uma como em ser único.

Logo, para acompanhar uma criança em seu desenvolvimento, o professor precisa ter um olhar sobre sua prática e acima de tudo respeitá-la em sua individualidade e em suas sucessivas conquistas e conhecimentos em todas as áreas. Isso exige um olhar atento do

professor, que observa, estuda suas reações e confia nas suas possibilidades. Por meio de projetos e atividades planejadas, o professor precisa acompanhar e avaliar o desenvolvimento das crianças. O professor deve ser um problematizador, ter e inspirar em suas crianças um espírito investigativo. Sendo assim, a avaliação deve adotar o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento infantil, de reflexão permanente sobre as crianças em seu cotidiano fornecendo subsídios para a ação pedagógica (RABELO, 1998).

Meu interesse em estudar o tema se fez presente desde que ingressei na rede municipal de educação como professora em uma instituição de Educação Infantil, quando percebi que muitas instituições desenvolvem práticas avaliativas que contrariam o que está previsto no art. 31 da LDB (BRASIL, 1996). Além, disso, desde 2011, a Secretaria Municipal de Educação de Sobral vem desenvolvendo uma prática avaliativa, em que formulam avaliações, que são utilizadas como instrumento por meio do qual uma avaliadora que não faz parte do convívio das crianças, chama individualmente as mesmas e, realiza a avaliação. As instituições não têm acesso a esse instrumento, só depois de um determinado tempo é que a SME envia as competências que foram avaliadas. Aliado a isso está o fato de estar concluindo um curso de especialização na área.

Manarin (2009) em seu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia desenvolveu uma pesquisa que teve como um dos principais objetivos analisar como os professores compreendem e desenvolvem o processo avaliativo na Educação Infantil. Para tanto, buscou direcionar o olhar investigativo sobre a postura dos professores, verificando as concepções de avaliação que norteiam suas práticas pedagógicas e os instrumentos utilizados para avaliar a aprendizagem das crianças. Utilizou como instrumentos metodológicos a observação e a aplicação de questionários com questões abertas. Os dados coletados foram organizados em categorias e analisados a partir do referencial teórico estudado. A autora concluiu que, para a avaliação ser realizada de forma plena é preciso que o professor observe e registre todos os momentos das atividades da criança, pois através dessas observações o docente cria oportunidades onde as crianças possam desenvolver suas habilidades e ajuda na formação de um cidadão crítico. Manarin (2009) percebeu que os professores apresentam dificuldades na compreensão sobre a avaliação, e que, não possuem formações suficientemente claras que aprofunde mais a compreensão do processo avaliativo, a fim de que possam desempenhar a verdadeira função da avaliação e contribuir para o desenvolvimento de habilidades essenciais das crianças.

Em sua pesquisa, Shime (2010) abordou o seguinte tema “A Avaliação da Aprendizagem na Educação Infantil” e que teve como objetivo refletir sobre a avaliação da

aprendizagem na Educação Infantil. Procurou compreender as concepções avaliativas presentes nos dizeres dos professores, reconhecendo quais os instrumentos avaliativos utilizados e as propostas pedagógicas. Para tanto aplicou um questionário com 18 professores, sendo 11 de rede pública e 7 de escolas particulares. Os resultados comprovaram que a avaliação é um dos principais componentes do processo educativo e que seu aprimoramento depende essencialmente de três fatores: a manutenção da interatividade entre os envolvidos (professor, aluno, pais, sociedade); a atualização constante dos professores e a elaboração de projetos pedagógicos que contemplem as mudanças socioculturais.

Tendo em vista que as políticas públicas de Educação Infantil devem desenvolver ações no sentido de contribuir para a construção da identidade dessa primeira etapa da Educação Básica, esse estudo tem como propósito compreender o quê os professores de pré-escola pensam sobre a avaliação na Educação Infantil, procurando entender, também, quais suas percepções sobre a prática desenvolvida pela SME do município de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil.

Os objetivos específicos são:

- Caracterizar a prática desenvolvida pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil (Com que frequência acontece? Onde acontece? Por que acontece dessa forma? Quais os seus objetivos? O que avaliam? Que instrumentos são utilizados? Por que são utilizados?);

- Analisar as concepções dos professores sobre criança e Educação Infantil;

- Entender as concepções dos professores da pré-escola sobre a avaliação na Educação Infantil (O que avaliam? Por quê? Que estratégias/instrumentos utilizam para avaliar? Por que utilizam esses instrumentos e não outros?);

- Compreender a opinião dos professores sobre a prática utilizada pela SME para avaliar as crianças na Educação Infantil.

Acredito que essa pesquisa seja mais um passo na tentativa de elucidar as práticas avaliativas na Educação Infantil.

Dessa forma, este trabalho monográfico foi estruturado em quatro capítulos distribuídos da seguinte forma: no primeiro capítulo, são apresentadas as definições de avaliação; sua história, suas concepções, considerando algumas modalidades avaliativas: a diagnóstica, a formativa e a somativa.

No segundo capítulo, foi explicada a metodologia do estudo, os instrumentos de coletas de dados e os procedimentos. O terceiro capítulo abordou os resultados da pesquisa, com a análise dos dados obtidos.

Por último, para concluir esta pesquisa foram tecidas as considerações finais, comentando sobre o alcance do trabalho, fazendo confronto entre a teoria e a prática, comparado aos objetivos propostos e que esse trabalho dê continuidade de estudo a discussão sobre a Avaliação na Educação Infantil, que é um tema tão discutido no meio educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta que o processo avaliativo tomou uma concepção indefinida, pois se chegou a uma controvérsia. Sabemos que as avaliações são utilizadas como sinônimo de julgar, mas devemos mudar essa prática e buscar novas estratégias para ajudar no desenvolvimento das habilidades e dificuldades das crianças.

Assim, inicialmente, são apresentadas *Algumas reflexões sobre “avaliação”*, na Educação Infantil onde as principais contribuições de Hoffmann, Zabalza e Bassedas, Huguet e Solé dentre outros autores, são apontadas para refletir sobre os conceitos e procedimentos utilizados para que esse processo avaliativo aconteça. Em seguida, é realizada uma breve discussão sobre *Os instrumentos avaliativos adequados à Educação Infantil*, sendo assim enfatizados, o relatório no ato avaliativo que se torna um elemento indissociável do processo educativo.

Processo educativo este, apresentado como conjunto de ações que está pautada basicamente na observação, no acompanhamento, no registro para orientar e redirecionar o processo pedagógico criando situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Posteriormente, é recobrada *A avaliação no processo de aprendizagem*, onde são ressaltadas as linhas de avaliação presentes na educação brasileira, como forma de contextualização para o entendimento do ato avaliativo na Educação Infantil. Esse capítulo é finalizado com as formas avaliativas, pois a intervenção do professor é essencial, para desenvolver sua ação pedagógica, verificando as necessidades em que as crianças se encontram, e como podem ser melhoradas, contribuindo assim para desenvolvimento das mesmas de forma significativa.

2.1 Avaliação: um tema polêmico

Assim como acontece nas situações da vida cotidiana, na prática profissional de professores, a avaliação deve cumprir o importante papel de oferecer subsídios para ações presentes e futuras. Entretanto, diferentemente do que acontece no dia a dia, quando avaliamos de forma quase intuitiva, avaliar a prática pedagógica é um ato intencional, por isso precisa ser cuidadosamente planejado e orientado por critérios.

Quando isso não acontece a avaliação é compreendida como uma tarefa com um fim em si mesma – atribuir notas ou conceitos ao desempenho dos estudantes com o objetivo

de promovê-los ou não a etapas posteriores de escolarização, por exemplo. Essa concepção estreita, classificatória e sentenciadora de avaliação, empobrece a prática profissional dos docentes, porque seus resultados não são utilizados para que eles possam reorientar suas ações e obter maior sucesso com seu trabalho. Empobrece também a experiência de crianças e jovens, porque uma avaliação classificatória não consegue apreender os modos como esses sujeitos estão aprendendo e se desenvolvendo.

Especificamente sobre a Educação Infantil, para Micarello (2010), ela deve cumprir o importante papel de oferecer elementos para que os professores conheçam melhor às crianças com as quais trabalham, suas características pessoais e grupais, suas emoções, reações, desejos, interesses e modos pelos quais vão se apropriando da cultura na qual estão inseridas, transformando-a.

Segundo Hoffmann (1996 p. 31) a avaliação deve ser mediadora, onde “mediação significa um estado de alerta permanente do professor que acompanha e estuda a história da criança em seu processo de desenvolvimento.”

Observamos que a autora supracitada enfatiza a necessidade de observar a criança no seu “todo”, não apenas no modelo teórico, pois dessa forma poderá contribuir de modo mais eficaz no seu desenvolvimento.

Dessa forma, é importante dizer que avaliação deve respeitar o ritmo de desenvolvimento de cada criança, não se constituindo em uma forma fria que apenas julga as atitudes e rotula as crianças. Infelizmente, muitas instituições ainda se detêm apenas às fichas de avaliação que avaliam de forma superficial aquilo que foi trabalhado mecanicamente pelo professor.

2.2 Instrumentos avaliativos adequados à Educação Infantil

Tendo em vista que de acordo com a LDB/96 o objetivo da avaliação na Educação Infantil é o acompanhamento da criança, um instrumento interessante que pode ser utilizado pelo professor é o relatório, onde ele expressa e documenta toda sua observação sobre o desenvolvimento dos pequenos. Nesse relatório, o professor terá a oportunidade de registrar a história da criança na instituição, sua interação com a turma e com ele.

Segundo Shores e Grace (2001), outro instrumento interessante do registro de desenvolvimento das crianças é o portfólio, que pode ser compreendido como uma coleção de itens elaborados pelos professores e que revela os diferentes aspectos do desenvolvimento de cada criança.

A avaliação baseada em portfólios pode e deve concentrar a atenção de todos (crianças, professores e familiares) nas tarefas importantes do aprendizado e do desenvolvimento. O processo pode estimular o questionamento, a discussão, a suposição, a análise e a reflexão. Assim, esse tipo de instrumento permite com que as crianças se defrontem com a trajetória vivida e possam resgatar o que foi construído. Pode, ainda, ser uma interessante forma de parceria com as famílias, que podem tanto acompanhar o trabalho do grupo através do que foi ali registrado e coletado quanto podem se envolver na sua elaboração ou avaliação.

Zabalza (2006) apresenta duas formas de avaliação na Educação Infantil:

- Análise do funcionamento do grupo em seu conjunto;
- Análise do progresso individual de cada criança.

De acordo com tais propostas, o professor tanto avalia o todo, o processo educativo e o material utilizado e também realiza o acompanhamento individual de cada criança nas suas particularidades.

É importante frisar, contudo, que o autor deixa claro que não há como engessar a avaliação, que ela deve ser diferente de acordo com cada instituição.

Também é necessário ressaltar que a avaliação tem a importante função de contribuir para que os laços com as famílias sejam estreitados e para que aqueles que trabalham com as crianças, em diferentes momentos de suas trajetórias nas instituições, troquem informações, visando o bem-estar, conforto e segurança dos pequenos.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 60) "Os pais também tem o direito de acompanhar o processo de aprendizagem de suas crianças, se inteirando dos avanços e conquistas, compreendendo os objetivos e as ações desenvolvidas pela instituição".

Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 173 e 174), o professor deve ter o cuidado, o zelo para não rotular as crianças. É importante que se observe diferentes aspectos do desenvolvimento, lembrando que, segundo as autoras "as expectativas do professor sobre seus alunos têm uma grande influência sobre o seu rendimento na escola".

Nessa fase de desenvolvimento infantil a criança deve ser estimulada, conquistada, ela deve se sentir querida, capaz de realizar as atividades propostas, e acima de tudo deve ser e estar feliz.

As autoras também apontam que não se pode esquecer que a avaliação também envolve o processo educacional pedagógico na busca de melhor fazer em prol da criança.

Desta maneira, é importante que o contexto também seja “avaliado” isto é, a instituição, o programa e o professor.

2.3 A avaliação no processo de aprendizagem

Bassedas, Huguet e Solé (1999) apontam, ainda, os três tipos de avaliação que são considerados essenciais na instituição educacional:

- Avaliação diagnóstica: é utilizada para reconhecer a turma, os conhecimentos e as experiências prévias sobre determinado assunto para, a partir daí, saber quais os melhores recursos a serem utilizados.

- Avaliação formativa: tem um papel muito importante no processo de ensino/aprendizagem das crianças. Essa avaliação tem a preocupação de adaptar os assuntos abordados às necessidades da turma. Nela acontece um estímulo para à participação ativa, onde não é avaliado o que a criança é capaz de produzir sozinha, e sim determinar critérios de acordo com os níveis de aproveitamento e diagnosticar os resultados, corrigindo as falhas do processo ensino-aprendizagem e permite emitir um juízo de valor que sirva de base para futuras ações educativas (o que e como ela é capaz de contribuir com o processo educacional da turma).

- Avaliação somativa: acontece sempre no final da apresentação de uma etapa ou de um assunto. Particularmente, esta avaliação é um tanto fria e arcaica. Infelizmente, ainda é utilizada na educação brasileira. Algumas instituições ainda fazem uma avaliação formativa paralela à avaliação somativa.

Uma pergunta comum dos professores é: como deve acontecer a avaliação?

É importante que o professor não se preocupe em registrar fatos muito extensos, que dificultem seu processo avaliativo. Ele também deve sempre observar a turma para saber o momento propício para intervir. Além disso, o professor deve ser receptivo, saber escutar, observar e perguntar na tentativa constante de estimular a curiosidade das crianças. Assim, é importante que o professor saiba o que a criança pensa, o que diz e/ou o que faz em relação a atividade proposta.

Observamos, assim, que a avaliação não deixa de ser um constante observar, comentar e corrigir a própria prática, sempre pautada no crescimento profissional e no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Nesse processo avaliativo, o/a professor/a deve estar sempre pronto para ouvir, ou acostumar-se a ouvir suas crianças. Afinal, educar não é somente repassar conteúdos, e sim

trocar ideias, conhecimento, interagir com a turma. Essa é a forma mais adequada para que o reconhecimento da turma seja positivo e satisfatório para o/a professor/a, para a família, para a escola e para o ensino/aprendizagem da turma.

Cada professor/a deve planejar e decidir em quais momentos poderá refletir, observar ou até registrar comportamentos, aprendizagens e atitudes de cada uma das suas crianças para em seguida fazer um seguimento contínuo e real das suas necessidades, possibilidades e competências.

De acordo com Micarello (2010), a avaliação na Educação Infantil é uma forma de trabalhar a inclusão. Ela ainda afirma que o relatório avaliativo deve ter como objetivo o conhecimento mais aprofundado da criança para que os professores sejam capazes de mediar, procurar a melhor forma para trabalhar com a criança. Em hipótese alguma essa avaliação deve ser utilizada para decidir se a criança deve ou não ser aceita na instituição e muito menos taxá-la como “apta, não apta, pronta, não pronta” (MICARELLO, p.03, 2010).

Nesse sentido, é importante que exista na instituição uma proposta pedagógica que garanta a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias.

Também é importante chamar atenção ao fato de que apesar de estar muito clara na legislação nacional a forma como deve acontecer a avaliação na Educação Infantil, algumas políticas públicas colocam em risco conquistas importantes para a área e, conseqüentemente, para as crianças. É o caso da atual proposta do Governo Federal para a construção de uma política curricular orientadora das expectativas de aprendizagem e desenvolvimento para toda a educação básica.

Segundo nota técnica divulgada pelo MIEIB³ (2011), a definição de expectativas de aprendizagem e desenvolvimento específicos para cada faixa etária ou grupos de idade supõe que seja feita uma avaliação para verificar se tais expectativas foram atingidas. Tal nota destaca as seguintes preocupações, em forma de questionamentos: Qual será o uso de tais avaliações no momento atual, no qual ainda temos fortes problemas que dificultam a consolidação da identidade de Educação Infantil (com destaque para a formação profissional específica para a área e falta de acompanhamento pedagógico competente)? Como tais avaliações serão diferenciadas de testes que classificam e rotulam crianças com desiguais oportunidades ou diferentes ritmos de desenvolvimento? Como evitar que as crianças que não

³ Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil onde mobilizou participantes de Fóruns de Educação Infantil de diferentes estados brasileiros na constituição de uma atuação conjunta em torno do fortalecimento da Educação Infantil enquanto campo de conhecimentos, de atuação profissional e de política educacional pública.

atingiram tais expectativas sejam consideradas “menos capazes” e, portanto, discriminadas? Quais serão as outras conseqüências disso? Essas crianças serão impedidas de frequentar o agrupamento seguinte?

Observamos, assim, a necessidade de ficarmos atentos e continuarmos mobilizados a fim de que os direitos da criança a uma Educação Infantil laica, pública, gratuita e de qualidade não sejam devastados.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa, a partir dos discursos dos professores para conhecer o processo avaliativo a ser observado dentro do universo determinado.

A pesquisa social, ultimamente, vem sendo marcada por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Hoje, porém, outra forma de abordagem que se tem afirmado como promissora possibilidade de investigação: trata-se da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa surgiu a partir do trabalho em antropologia e sociologia. Sua inserção no contexto educacional, na década de 70 denuncia que os dados quantitativos precisavam de um novo olhar.

Este tipo de pesquisa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento, além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada dos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação em estudo. Nela é frequente que o pesquisador procure entender o fenômeno, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados.

Conforme Godoy (1995, p. 57):

Na pesquisa qualitativa não existe hipótese pré-concebidas, hipóteses são construídas após a observação, ou seja, nela não existe suposta certeza do método experimental. Nesses sentidos, quem observa ou interpreta influencia e é influenciado pelo fenômeno pesquisado.

A pesquisa qualitativa, por Bogdan e Biklen, citados por Brzezinski (2005, p. 11):

[...] enfatiza a descrição, a introdução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais... onde o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa.

A pesquisa qualitativa é indutivamente construída, ou seja, primeiro observa o objeto que pretende pesquisar, após hipotetizar, isto é, procura relações causais que expliquem o objeto pesquisado. A abordagem qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões, atitudes e usualmente é empregada para que o pesquisador compreenda os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna do fenômeno pesquisado.

As pesquisas qualitativas têm caráter exploratório, estimulam os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum assunto, tema ou conceito de forma espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão.

É necessário destacar que os métodos qualitativos e quantitativos não são excludentes, embora difiram quanto à forma e a ênfase.

A pesquisa qualitativa tem se mostrado uma alternativa bastante interessante enquanto modalidade de pesquisa numa investigação científica. É útil para firmar conceitos e objetivos a serem alcançados e dar sugestões sobre variáveis a serem estudadas com maior profundidade. Os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa, pois apresentam uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Segundo Luck, Wales e Taylor (1970), a pesquisa qualitativa combinada ao método de pesquisa quantitativa pode ter bastante utilidade para o estudo de determinados assuntos.

Esta pesquisa tem como sujeitos duas professoras, sendo uma que trabalha na Escola Municipal que atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, nos horários matutinos e vespertinos, com crianças de 4 e 5 anos, e outra em um Centro de Educação Infantil, de período integral, com crianças de 2 a 5 anos.

Sendo uma pesquisa para verificar as opiniões e atitudes conscientes das entrevistadas, foi utilizada a entrevista. O roteiro utilizado pode ser encontrado em anexo (APÊNDICE A).

Segundo Godoy (1995, p. 62),

Devem ser representativas de um determinado universo de modo que seus dados possam ser generalizados e projetados para aquele universo. Seu objetivo é mensurar e permitir o teste de hipóteses, já que os resultados são concretos e, conseqüentemente, menos passíveis de erros de interpretação.

O principal meio para se conseguir as informações desejadas em uma pesquisa qualitativa são as entrevistas em profundidade ou as discussões em grupo. As entrevistas em profundidade são pré-agendadas com os entrevistados e a sua aplicação é individual, em local reservado. Tal procedimento garante a concentração do respondente.

3.1 A inserção no campo

A pesquisa de campo em questão considerou os profissionais que atuam como professores em duas unidades da rede municipal, uma denominada de CEI⁴ e outra uma Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, no município de Sobral – CE. Os sujeitos pesquisados foram duas professoras, uma do Infantil IV e outra do Infantil V, ambas possuem graduações diferentes, sendo que a docente que leciona no Infantil IV possui mais experiência profissional do que a outra, apresentando firmeza em suas atitudes. As mesmas demonstraram grande interesse em estar conversando sobre o tema avaliação na Educação Infantil, pois faz parte do cotidiano das instituições e delas também, que cobram uma avaliação individual das suas crianças.

O contato com o Centro de Educação Infantil, com a escola e com as docentes para apresentar a proposta de pesquisa de campo foi realizado de duas formas: contato telefônico e contado direto, que ocorreu em maio de 2012. A receptividade ao trabalho por parte da direção e das docentes possibilitou uma relação de colaboração no processo da pesquisa.

3.2 Processo de Coleta de Dados

As duas entrevistas ocorreram nos dias 2 e 3 de maio do corrente ano. Cada docente foi entrevistada separadamente e nos dias previamente marcados, nos horários disponíveis.

As entrevistas foram compostas por quatro eixos: o primeiro relacionado a dados pessoais, profissionais e formação; no mesmo formato, o segundo eixo abordou concepções de crianças e Educação Infantil; o terceiro investigou sobre avaliação na Educação Infantil e o quarto investigou sobre a avaliação das crianças pela Secretaria Municipal de Educação.

3.3 Perfis das Professoras

As professoras entrevistadas trabalham no município desde 2006.

A docente Carla⁵ é professora do Centro de Educação Infantil municipal, tem 35 anos, é casada e tem dois filhos. Leciona há quatorze anos e há um ano trabalha nesta instituição. Ingressou nesse Centro através de uma seleção feita pela SME para professores temporários. Iniciou sua carreira docente no ensino fundamental. Hoje trabalha com crianças

⁴ Centro de Educação Infantil

⁵ Para preservar a identidade das docentes seus nomes são fictícios.

que estão na faixa etária de 4 anos de idade e oriundas de classe menos favorecida. A professora declara que iniciou nessa área através de um estágio oferecido pela universidade para trabalhar com a Educação Infantil. Assegura que desde a sua primeira experiência se identificou bastante com essa faixa etária. Afirma, ainda, que o trabalho é muito gratificante e que se sente muito realizada em perceber a importância do trabalho que realiza para o desenvolvimento das crianças. Carla é graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e fala que na época da sua vida universitária não teve uma formação voltada para a Educação Infantil e sim para o ensino fundamental. Segundo ela, as formações oferecidas pelo município deveriam propor momentos mais significativos e que provocassem reflexões sobre a prática.

A professora Renata trabalha na turma do Infantil “V” de uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental municipal, tem 24 anos, é casada e não tem filhos. Atualmente está cursando mestrado em Ciências da Educação. Leciona há sete anos para o município sendo que trabalha há quatro anos na área de Educação Infantil. Renata ingressou na rede municipal por intermédio de seu primo que na época era diretor da escola em que iniciou sua carreira docente. Sua primeira experiência foi com Educação de Jovens e Adultos (EJA). É apaixonada pelo que faz, identificou-se com a área e pretende continuar nela. Ingressou na escola em que trabalha há dois meses e trabalha com crianças de 5 anos. Relatou que não se vê mais trabalhando com adolescentes. Sua primeira graduação foi em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e acrescenta que essa formação acadêmica não foi suficiente para o trabalho com crianças e resolveu fazer outra faculdade na área da Pedagogia. Afirma que as formações oferecidas pelo município na maioria das vezes ajudam com orientações didáticas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados apresentados neste capítulo foram analisados a partir das respostas dos professores pautadas no referencial teórico, buscando compreender a sua concepção de avaliação na Educação Infantil.

A análise está organizada em quatro categorias: o sistema de avaliação aplicado pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil, a concepção das professoras sobre criança e Educação Infantil, as concepções das professoras sobre avaliação na Educação Infantil e a opinião das professoras sobre a forma utilizada pela SME para avaliar as crianças na Educação Infantil.

A partir da coleta dos dados foi feita a interpretação fazendo inferências e estabelecendo uma relação entre a teoria e a prática, verificando o significado e entendendo quais são as concepções pedagógicas que embasam a avaliação na Educação Infantil, a partir das visões dos docentes envolvidos na pesquisa.

4.1 O sistema de avaliação aplicado pela SME de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil

Foi feita uma entrevista com uma técnica da SME, de onde foi possível verificar as suas ideias a respeito do processo avaliativo. O método avaliativo que é posto para as crianças da Educação Infantil, poderá apresentar algumas consequências e influências decisivas no seu processo de aprendizagem e de crescimento. Tal indagação pode ser observada no relato a seguir:

A Secretaria Municipal de Educação instituiu, desde 2001, a Avaliação Externa de Leitura e Escrita das crianças em processo de alfabetização. Mas só em 2011, pela primeira vez, o “Infantil V” fez parte dessa premiação da “Escola de Sucesso”. Esta avaliação é realizada duas vezes por ano, ao final de cada semestre letivo com o objetivo de fazer o acompanhamento e a consolidação do processo de ensino aprendizagem. Através dessa avaliação criteriosa a SME conhece que pré-escolas e escolas atingiram as metas de aprendizagens estabelecidas pelo município (Patrícia)

Assim sendo, uma equipe de avaliadores selecionada entre alunos e egressos dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA é responsável pela aplicação da avaliação. Todo o processo de coordenação, execução e consolidação dos resultados é feita pela equipe da Coordenação do Ensino Fundamental da SME. Existe um

guia de orientações sobre a aplicação de todo o processo e também uma capacitação em que se busca padronizar as orientações e as formas de registro dos dados coletados. Todas as avaliações são vistas por uma equipe (formada pela própria SME) que tem a missão de checar os registros feitos pelo aplicador, identificando possíveis erros ou incongruências que possam por em dúvida o registro avaliativo da criança.

Vale ressaltar ainda que, antes de iniciar a aplicação dos instrumentos avaliativos, o aplicador visita o Centro de Educação Infantil ou a Escola para um contato inicial com a criança e, no ato da avaliação, desenvolve algumas dinâmicas de modo a criar um vínculo positivo e, assim, minimizar o caráter ameaçador que as avaliações suscitam.

A sistemática de avaliação externa consiste em um instrumento de avaliação escrita, aplicado em forma de ditado de quatro palavras e uma frase e, em algumas questões, de formação social e pessoal que também integra a avaliação de desempenho. O aplicador faz perguntas para a criança individualmente em uma sala fechada. São chamadas uma por uma de acordo com a lista da frequência.

Segundo a SME, a avaliação externa não é somente para a verificação do resultado final do ano letivo. Por ser realizada também ao final do primeiro semestre, permite a revisão de estratégias, tanto pela secretaria quanto pela escola, cumprindo o seu papel de instrumento gerencial.

Percebemos que a SME padroniza a avaliação, usando um “x” ou marcando as habilidades e competências que as crianças atingiram ou não, em uma planilha, que depois de um determinado tempo é repassada para o núcleo gestor de cada Centro de Educação Infantil ou escola com os resultados consolidados. Esse método parece inadequado, pois nenhuma criança deve ser avaliada com parâmetros pré-determinados, logo que a avaliação deve ser única, pessoal e intransferível.

A avaliação nesta etapa deve ser processual e destinada a auxiliar o processo de aprendizagem, fortalecendo a autoestima das crianças. No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. (SANTARÉM; CRUZ, 2008, p.02).

Diante disso, observamos que a SME através da fala da técnica (Patrícia) tem práticas de avaliação pautadas em um único instrumento. E que a mesma não deu muitos detalhes a respeito desse instrumental.

Zabalza (2006) destaca que todos os instrumentos têm virtudes e limitações e, por isso, há a necessidade de escolher e definir o instrumento mais apropriado de acordo com os objetivos que se pretende alcançar.

4.2 A concepção das professoras sobre criança e Educação Infantil

As falas a seguir representam as concepções das professoras sobre criança:

É um ser que traz muitas surpresas. (RENATA)

A criança é um ser que tem necessidades sociais, afetivas e pedagógicas específicas, que gozam de todos os direitos fundamentais assegurados a toda pessoa humana, à proteção integral, por serem cidadãos em peculiar situação de desenvolvimento. (CARLA)

A fala resumida da professora Renata induz a duas interpretações sobre suas concepções: uma de caráter mais romântico, em que a criança é vista como um ser “mágico” e ingênuo e outra mais voltada para as teorias sociointeracionistas de desenvolvimento humano, em que a criança aparece como alguém competente e com grande potencial para aprender e se desenvolver.

Já a professora Carla caracteriza as crianças mais pelo que acredita que lhes falta (“é um ser que tem necessidades...”) do que por suas reais possibilidades. Essa constatação é preocupante, especialmente porque para contribuir de forma eficaz no desenvolvimento e aprendizagem da criança, a professora precisa, no mínimo, acreditar nas suas múltiplas capacidades, como as de criar, imaginar e aprender. Ao mesmo tempo, essa profissional precisa ouvir o que as crianças têm a dizer e levar isso em consideração nos momentos de planejar, desenvolver e avaliar as atividades cotidianas. Infelizmente não é isso o que acontece em inúmeras instituições de Educação Infantil no Brasil.

Além disso, ao afirmar que as crianças “gozam de todos os direitos”, Carla parece esquecer que muitas crianças, especialmente as crianças oriundas de baixa renda, não têm os seus direitos garantidos.

Segundo Zabalza (1998), hoje a criança é vista como um sujeito de direitos, situado historicamente e que precisa ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas. Logo, ela deve ser respeitada levando-se em consideração todos os seus aspectos. Entretanto, apesar de terem seus direitos reconhecidos legalmente, tais direitos não são efetivados na prática de muitas creches e pré-escolas, como atestam inúmeras pesquisas (ANDRADE, 2007; COSTA, 2011).

Em relação às crianças com as quais trabalham, as professoras dizem:

São à base de toda formação, são inteligentes, espertas, inocentes. (Renata)

São crianças como todas as outras, que gostam de brincar, de fazer bagunça e se divertir, mesmo enfrentando, em sua maioria, problemas sociais e econômicos. (Carla)

Ao analisar a fala da professora Renata, observamos que a mesma traz duas interpretações contraditórias sobre as crianças. Inicia afirmando que elas são “inteligentes” e “espertas”, mas logo a seguir ressalta que são seres “inocentes”, o que induz à ideia de que a professora ainda está confusa em relação às características das crianças da sua turma. Assim, se por um parece acreditar nos preceitos sociointeracionistas, por outro traz uma visão romântica de criança, condizente com a perspectiva rousseuniana. Segundo tal abordagem, o ser humano é visto como ingênuo e inocente e a sociedade responsável por sua possível corrupção. Dessa forma, a educação vista nesta perspectiva abarca dois aspectos principais: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. Tais ideias ainda são encontradas nas instituições de Educação Infantil brasileiras. Assim, não é incomum vermos professores culpabilizando as famílias das crianças e o meio social em que elas vivem pela perda da sua suposta “inocência” original.

Essa dicotomia encontrada nas ideias da professora Renata pode significar que ela está passando por um processo de transição, de construção de novos conhecimentos sobre as crianças e seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Na fala da professora Carla, as crianças aparecem com características bem concretas, como sujeitos que gostam de brincar, de fazer bagunça e se divertir. Segundo essa profissional, mesmo diante das adversidades sociais e econômicas pelas quais a maioria delas passa, tais circunstâncias não chegam a abalar sua alegria e vontade de viver. Tal visão parece ser diferente daquela apontada por ela ao se referir às crianças de um modo geral, quando as caracteriza por sua carência. Assim, o convívio diário com as crianças parece interferir de forma mais contundente no modo como a professora pensa sobre elas, do que a visão de criança carente, o que traz inúmeras perspectivas de ação e interação. Tal teoria confirma a ideia vigotskiana de que a criança não só é transformada pelas relações com seu entorno, mas ao interagir com ele, também o transforma.

No que se refere à forma como as crianças se desenvolvem, foram dadas as seguintes respostas:

Através de situações lúdicas (Renata).

Através das interações entre grupos (Carla).

Observamos que a concepção da professora Renata é coerente com a perspectiva vigotskiana, que afirma que a brincadeira tem intrínseca relação com o desenvolvimento infantil, especialmente na idade pré-escolar, pois cria uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP) ao possibilitar, à criança, comportar-se fora do habitual de sua idade. Por meio das atividades lúdicas, a criança lida com situações de amadurecimento (elaboração de regras, por exemplo) que a conduzirá a um novo patamar de desenvolvimento. Assim, possibilitar oportunidades diversas para que a criança possa brincar livremente é, também, possibilitar o seu desenvolvimento.

Ao falar do desenvolvimento das crianças, a professora Carla considera que ocorre por meio de interações de grupos. Conforme o relato apresentado, tal posição também é compatível com as contribuições do teórico Vygotsky (1984) que nos remete a constituição da criança no relacionamento com o outro, uma vez que são as interações sociais que fornecem a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do ser humano. Essas interações podem acontecer através de atividades diárias que as crianças realizam com a companhia de outras crianças e de adultos.

Para Schettini Filho (2002, p.57) “nascemos como indivíduos, mas nossa tarefa é nos tornarmos pessoas, graças a relacionamentos mais profundos e mais intrincados, mais profundamente desenvolvidos. O ser humano tornar-se pessoa na sua relação com o outro”.

Acerca do papel do professor no processo de aprendizagem e desenvolvimento, as professoras apontaram que:

Interagir. (Renata)

O professor tem o papel de promover ações que possibilitem as interações entre os grupos, possibilitando o desenvolvimento integral da criança. (Carla)

As professoras Renata e Carla compartilham a mesma opinião a respeito do papel do professor. De acordo com a fala dessas profissionais, o professor deve oferecer atividades significativas, desafiadoras, contextualizadas, levando em conta os conhecimentos prévios das crianças e incentivando para o desenvolvimento integral. Dessa forma, o professor é visto como uma figura importante no processo educativo, cabendo a ele a incumbência de participar ativamente do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Assim sendo, o professor tem o dever de estar preparado e ciente de seu papel e de suas responsabilidades, auxiliando no desenvolvimento infantil e não apenas “transmitindo” conteúdos.

De acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998. p. 30) a intervenção do professor é necessária para que,

na instituição de Educação Infantil, as crianças possam, em situações de interações sociais ou sozinhas, ampliarem suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e da comunicação de sentimentos e idéias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização.

Em relação às formas de avaliação das crianças em suas turmas, as professoras dizem:

Registros e observações. (Renata)

Acompanhamento através de observações. (Carla)

A professora Carla afirma que os registros e as observações são formas de acompanhar as crianças, dando um exemplo: “no momento da brincadeira, observa-se como se relacionam, como brincam sozinhas, como resolvem seus conflitos”.

A partir de sua fala, é possível observar que para esta professora a observação é um elemento imprescindível no acompanhamento das crianças. Assim, deve se constituir em um conjunto de ações que redireciona o processo pedagógico como um todo, devendo ser uma prática sistemática e contínua, envolvendo a criança e o professor para a melhoria da ação educativa.

Para Carla, a observação também é essencial para a realização do acompanhamento da sua turma. Segundo a professora “é através desse instrumento que eu faço as minhas orientações diárias”.

Como observamos, acompanhar a criança com os olhos de quem a reconhece em constante movimento faz com que a postura do professor seja modificada não só na dimensão pedagógica, mas também ética frente à cultura infantil.

Assim, acreditamos que a avaliação na Educação Infantil deve ser um momento que possibilite a criança a obter avanços no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, por isso a mesma precisa de um acompanhamento individual, e este acompanhamento pode ser feito através de registro, que é um dos instrumentos avaliativos, e deve ser usado como

forma de emitir um juízo, definir uma situação, mas sim de propor hipóteses que possam melhorar o desenvolvimento da criança (BASSEDAS; HUGUET, SOLÉ, 1999).

Podemos perceber, contudo, que na Educação Infantil a avaliação se pauta basicamente pela observação e o registro. Uma perspectiva de acompanhamento do processo de desenvolvimento pode ser apontada na seguinte direção, conforme Vasconcellos (1994, p. 59):

observação da criança fundamentada no conhecimento de suas etapas desenvolvimento. Organização de novos desafios com base na observação e reflexão teórica. Registro das manifestações das crianças e aspectos significativos de seu desenvolvimento. Diálogo freqüente e sistemático entre os adultos que lidam com a criança e os pais ou responsáveis. No caso de comunicação com os pais, é muito mais significativo o parecer descritivo (relatório) do desenvolvimento da criança, que a emissão de conceitos ou menções.

Melchior (1999) nos diz que a importância da observação como técnica que permite ao professor acompanhar o desenvolvimento da criança em todos os momentos, impedindo que se formem idéias preconceituosas sobre a capacidade e o desenvolvimento da cada um.

De acordo com Ostetto (2002) no espaço educacional o registro é, para o educador, uma espécie de diário, que pode bem lembrar os diários de bordo ou diários de adolescentes, nos quais são anotados fatos vividos, sentimentos, impressões, confissões. [...] aqueles diários tem como principal característica a descrição dos acontecimentos, organizados de forma cronológica. Quanto ao diário do professor, no âmbito da prática pedagógica do educador, constitui-se em lugar de reflexões sistemáticas; constantes; um espaço onde o professor dialoga consigo mesmo; avalia atividades realizadas; documenta o percurso de sua classe.

Ao falar sobre os motivos pelos quais as crianças frequentam a Educação Infantil, as professoras afirmam:

Para estudar e outras na maioria das vezes por causa do lanche que é servido.
(Renata)

Mesmo com a tomada de consciência de alguns familiares sobre a importância da criança na escola, alguns familiares ainda levam suas crianças para a pré-escola por não terem com quem deixar ou por uma questão de alimentação. (Carla)

Renata aponta que as crianças que frequentam a pré-escola na maioria das vezes visam garantir a alimentação. Ainda hoje, muitas instituições têm caráter assistencialista, sendo importante, mas não substituem a dimensão educativa, social e cultural, cruciais para favorecer o desenvolvimento das crianças e o seu direito à cidadania.

A professora Carla revela em sua fala que mesmo os familiares sabendo da importância de a criança frequentar a Educação Infantil, muitos ainda levam seus filhos para as pré-escolas em função da alimentação, da proteção e da guarda.

Para Oliveira (1992), tal imagem das creches são reflexos históricos. Assim, segundo a autora:

[...] enquanto os filhos das camadas médias e dominantes eram vistos como necessitando um atendimento estimulador de seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, às crianças mais pobres era proposto um cuidado mais voltado para a satisfação de necessidade de guarda, higiene e alimentação (OLIVEIRA, 1992. p.17).

Retomando ao surgimento do atendimento oferecido à criança na pré-escola, a função social dessas instituições tinha mais um caráter assistencialista, tendo como objetivo disciplinar as crianças e depois promovê-las ao ensino fundamental.

Diante disso, se faz urgente a criação de cursos de formação continuada que possibilitem o professor refletir melhor sobre suas ideias e que sejam voltados para a ética profissional e para o respeito com as crianças.

No que concerne à função da pré-escola, as professoras dizem:

Proporcionar o aprendizado com as crianças. (Renata)

Assegurar às crianças o direito de uma Educação Infantil de qualidade. (Carla)

O depoimento da professora Renata sobre a função da pré-escola dá ideia de escolarização, onde a pré-escola apenas prepara as crianças para o ensino fundamental, o que, segundo ela, é “aquilo que realmente interessa para a SME de nosso município”.

Já a professora Carla mencionou a importância da qualidade da Educação Infantil. Contudo, segundo Cruz (2000, p.26), “não basta proclamar a necessidade de qualidade a crianças pequenas, é preciso deixar claro de que qualidade estamos falando: a qualidade própria a esse atendimento”. Hoje se sabe ser inadequado estipular uma definição fixa e inerte de qualidade. Esta não deve ser vista como um repertório de traços que se possuem, mas sim como algo que deve ser alcançado e que é constituído no dia-a-dia de maneira permanente. De acordo com Pascal e Bertram (1999, p.24), “qualidade é um conceito valorativo, subjetivo e dinâmico que varia com o tempo, a perspectiva e o lugar”.

A LDB/96 também aponta elementos que têm repercussão no trabalho docente do professor de EI, dentre eles: no objetivo dessa primeira etapa da Educação Básica é destacado o desenvolvimento da criança em todos os aspectos (físico, intelectual, psicológico e social) e não a aprendizagem; a utilização do termo educação e não ensino para se referir apenas à

primeira etapa da Educação Básica. Disso decorre que o professor de Educação Infantil não pode privilegiar, em seu trabalho, apenas o aspecto cognitivo das crianças, atribuindo-lhe uma dimensão maior do que as demais dimensões envolvidas no processo de constituição do sujeito/criança, e nem reduzir a educação ao ensino de conteúdos escolares (ROCHA, 2011).

A seguir as professoras falam sobre como acham que as crianças aprendem na Educação Infantil:

Situações cotidianas (conhecimento de mundo). (Renata)

Socializam-se, interagem. Desenvolver a autonomia, senso de responsabilidade, respeito, tolerância. (Carla)

Renata destaca que a aprendizagem se dá a partir de situações do cotidiano. Já para Carla a aprendizagem oportuniza as crianças desenvolverem a autonomia e a construção de conhecimentos, através da socialização e da interação.

É preciso considerar que as crianças que chegam à Educação Infantil são oriundas de contextos sócio-culturais diferentes, trazendo para esse meio, diferentes experiências. Desse modo, as possibilidades das crianças aprenderem e se desenvolverem são influenciadas pela qualidade das interações que estabelecem. Portanto, devemos levar em conta os conhecimentos já construídos pelas crianças, valorizando sua fala, seus valores, desejos e reivindicações.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina – Disciplinas Curriculares (1998, p. 63) a instituição deve criar um ambiente de acolhimento que dê segurança e confiança às crianças, garantindo oportunidades que façam delas relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.

Segundo Abramovay e Kramer (1984, p. 35):

a pré-escola deveria ser um espaço de “incentivo à criatividade e às descobertas das crianças, ao jogo e as espontaneidades [...] um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia, através de atividades que têm um significado concreto para a vida das crianças e que, simultaneamente, asseguram a aquisição de novos conhecimentos”.

Apesar de as professoras demonstrarem ter consciência sobre isso através de suas falas, esse conhecimento parece superficial uma vez que elas não exemplificam ou aprofundam suas ideias sobre o assunto.

4.3 As concepções das professoras sobre avaliação na Educação Infantil

Tendo em vista que as concepções das professoras sobre criança e Educação Infantil interferem nas suas concepções de avaliação e nas formas como esta acontece, a partir de agora as docentes falam sobre este tema.

O primeiro questionamento refere-se às suas ideias sobre avaliação de modo geral:

É um instrumento utilizado somente para somar no aprendizado. (Renata)

É um processo contínuo e norteador da ação pedagógica. (Carla)

Observamos que a professora Renata relaciona a avaliação apenas à aprendizagem das crianças, não fazendo menção, por exemplo, ao papel desse recurso para a sua prática pedagógica. Tal pensamento leva a crer que a professora concede maior ênfase aos resultados do que ao processo, o que vai contra os objetivos da Educação Infantil que visam o desenvolvimento integral das crianças. Nesse sentido, é importante lembrar que a avaliação é de suma importância para o desenvolvimento da crítica do professor em relação ao seu planejamento e às suas formas de atuação.

Já para Carla, a avaliação serve como um instrumento que norteia a sua ação pedagógica. Tal visão provavelmente traz como resultado um conjunto de ações que irá auxiliar a professora a refletir sobre as condições de aprendizagem das crianças e ajustar a sua prática às necessidades apresentadas por elas. Por isso, é de fundamental importância que as professoras desenvolvam habilidades de observação do dia-a-dia das crianças que lhes permitam reformular as suas ações educativas que exercem, contribuindo assim para o desenvolvimento integral do potencial infantil.

Assim, a avaliação constitui-se em elemento indissociável do processo educativo, que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo (BRASIL, 1998).

Vimos, pois, que a avaliação tem a importante função de diagnosticar e apontar rumos para a prática educativa tornando significativa quando é marcada pela intencionalidade e orientada por estratégias que garantam a continuidade dos processos de ensinar e aprender.

Bem antes de regular as aprendizagens, a avaliação regula o trabalho, as atividades, as relações de autoridade e a cooperação em aula, de uma certa forma, as relações entre família e a escola ou entre profissionais da educação. Um olhar sociológico tenta constantemente considerar as lógicas do sistema que dizem respeito ao tratamento das diferenças e das desigualdades, e ao mesmo, as lógicas dos agentes,

que envolvem questões mais cotidianas, de coexistência, de controle, de poder (PERRENOUD, 1999, p.11).

A seguir, as professoras falam sobre o que entendem por avaliação na Educação Infantil:

Deve ser divertida para que as crianças realmente mostrem o que sabem. (Renata)

É um processo contínuo e norteador da ação pedagógica. (Carla)

Percebemos, analisando a fala da professora Renata, que ao falar especificamente sobre Educação Infantil um elemento novo surge: o divertimento. Contudo, a essência da avaliação continua a mesma: as crianças devem mostrar o que aprenderam.

Já a professora Carla não demonstra qualquer diferença na forma de pensar a avaliação na Educação Infantil ou em qualquer outra etapa da Educação. Dessa forma, apesar de mencionar essa ação como importante para a sua prática, não parece perceber as especificidades da educação de crianças pequenas.

Luckesi (2005) lembra que

A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva; diversa dos exames, que são classificatórios, seletivos, excludentes. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam; por isso, dentro da atividade escolar, eles são usados indevidamente (p. 39 e 40)

Avaliar, entretanto, tem sido um dos dilemas que vivem alguns professores que trabalham na Educação Infantil, especialmente quando as instituições e/ou Secretarias de Educação exigem resultados únicos e pré-determinados de acordo com a faixa etária das crianças, visando apenas os resultados e esquecendo que o ritmo de desenvolvimento das crianças é diferente.

Ambas as professoras responderam positivamente quando foram questionadas se a avaliação estava presente nas suas práticas pedagógicas. Abaixo, relatam o que costumam avaliar na Educação Infantil:

Todas as habilidades das crianças. (Renata)

O desenvolvimento das crianças de um modo geral. (Carla)

Segundo Renata, é importante que no momento de avaliar o professor esteja atento às habilidades (que talvez para ela indique as aprendizagens!) das crianças.

De acordo com a fala da professora Carla, a avaliação tem que envolver a criança como um todo e não fragmentada em partes. Podemos observar, assim, que Carla relaciona a

avaliação aos objetivos da Educação Infantil, o que é interessante tendo em vista que a avaliação deve subsidiar a prática pedagógica e esta, por sua vez, deve visar o desenvolvimento integral da criança.

Segundo Hoffmann (2006) a avaliação é necessária para que a professora possa acompanhar e contribuir com o desenvolvimento das crianças. Para esta autora (2006, p. 28):

O processo avaliativo como base referencial ao fazer pedagógico dá-se pela abertura do professor ao entendimento das crianças com quem trabalha, pelo aprofundamento teórico que fundamenta a curiosidade sobre elas, pela postura mediadora (provocativa e desafiadora).

Portanto, precisa existir um consenso entre a avaliação e os objetivos da Educação Infantil visando o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo.

Assim, avaliar crianças na Educação Infantil é uma das tarefas mais desafiadoras do trabalho docente, pois a avaliação tem que ser significativa e permanente, valorizando todos os aspectos do desenvolvimento das crianças. Segundo Hadji (2001, p. 180) para avaliar é preciso ter a sensação de que as coisas valem à pena, isto é, não poderíamos avaliar algo do qual não esperávamos nada. O ato de avaliar implica desse modo, uma relação não indiferente com o mundo, mas capaz de responder, ou não, às expectativas.

Para Freire (1989, p.5):

A avaliação permite o acompanhamento das conquistas, dificuldades e possibilidades apresentadas durante a realização das atividades propostas, em que as situações de aprendizagem devem ser criadas para o seu desenvolvimento físico, intelectual, psicológico e social.

Kramer (2003) explica que, conforme as determinações da LDB/96, a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento da criança e a ampliação de seus conhecimentos. É sobre o que acredita serem os objetivos da avaliação na Educação Infantil que as professoras falam a seguir:

Diagnosticar o que a criança ainda não sabe. (Renata)

Realizar um acompanhamento da aprendizagem. É uma ação que possibilita a análise do percurso e dos progressos das crianças. (Carla)

Observamos que para Renata a avaliação se direciona para o que a criança ainda não sabe, ignorando todas as conquistas já realizadas por ela, o que poderia se constituir com elo para a construção de novas aprendizagens. Dessa forma dificilmente a professora irá

conseguir aguçar a curiosidade das crianças, uma vez que não está atenta aos seus interesses, o que dificultará a construção de uma prática provocativa e desafiadora.

Já a professora Carla menciona tanto o percurso como os progressos das crianças. Provavelmente ao longo desse caminho irá perceber as dificuldades e também os interesses das crianças, propondo atividades específicas que contribuam com o seu desenvolvimento integral.

Por isso a avaliação não deve ser concebida como um instrumento para medir o quanto a criança aprendeu ou não, muito menos como uma forma de julgar, reprovar ou aprovar uma criança. A avaliação deve ter um caráter mediador e acolhedor, para ajudar o professor a acompanhar as suas crianças em todos os momentos vividos na Educação Infantil, contribuindo com seu avanço na ampliação do conhecimento de si e do mundo.

Para Hoffmann (1996, p, 61):

A avaliação é movimento, é ação e reflexão. À medida que as crianças realizam suas tarefas, efetivam muitas conquistas: refletem sobre as suas hipóteses, discutem-nas com os pais e colegas, justificam suas alternativas diferenciadas. Esses momentos ultrapassam o momento próprio da tarefa. E, portanto, não se esgotam nelas. As tarefas seguintes incluem e complementam dinamicamente as anteriores. A média de escores, na escola, e a concepção do teste, contradiz a esse dinamismo. Obstaculiza, provoca a estagnação, as arbitrariedades.

Avaliar na Educação Infantil demanda uma série de instrumentos que colaboram para que o professor verifique como a criança está em suas múltiplas formas de ser, expressar e pensar, o que significa conhecer para auxiliar do desenvolvimento (BARBOSA, 2004).

Assim, observar o que foi vivenciado pela criança é muito importante, pois através desses registros o professor pode acompanhar suas conquistas e seus avanços. Também é importante ter em vista que o professor não pode se basear só na sua memória porque ela é, muitas vezes, falha. A seguir as professoras falam sobre os instrumentos/estratégias adotados em suas práticas cotidianas e como estes foram elaborados:

Brinquedos, observações e testes tradicionais. [Foram elaborados] Através de estudos. (Renata)

As observações e registros. Porque o objetivo de nossas observações e registros leva em conta todos os aspectos do desenvolvimento das crianças. [Foram elaborados] Através de estudos sobre o desenvolvimento infantil (Carla)

Ambas as professoras afirmaram que a observação é uma forma de se acompanhar as crianças. A professora Renata fala que essas observações são possíveis durante a prática de jogos e brincadeiras. Também relata que no momento que suas crianças estão brincando é o momento de observar como elas se relacionam com os outros colegas, como brincam

sozinhas, como resolvem seus conflitos. No entanto, a professora apontou também testes tradicionais como forma de medir os conhecimentos das crianças, o que é de certa forma, contraditório.

A professora Carla tem como foco as observações e os registros, para ela estes fatores têm como objetivo acompanhar o desenvolvimento das crianças. A observação é de fato o instrumento avaliativo ou a forma mais utilizada para acompanhar e entender o universo das crianças. No entanto, Barbosa (2004) chama a atenção para o fato de que observar consiste em aprender a olhar e a escutar. E implica olhar com hipóteses e objetivos, de forma sistemática, com um campo de observação delimitado no momento em que as crianças estão em ação. Um professor consciente, preparado, não vê esses instrumentos como um formato trabalhoso de avaliar, mas como um suporte para a especificidade do exercício de sua prática. É uma forma de se autoavaliar, refletindo sobre as suas estratégias, identificando com responsabilidade o que funciona e o que pode ser modificado. Mas para que essa forma de avaliar seja eficiente, é necessário que o professor disponha de tempo para fazer pequenas anotações diárias, sobre o comportamento, a participação, o envolvimento de cada criança durante as atividades.

Para Bassedas (1999) e Barbosa (2004) os relatórios são instrumentos utilizados pelos professores para registrar o que acontece no dia-a-dia das creches e pré-escolas. Assim, os professores devem anotar as situações, as experiências e os diversos aspectos da caminhada do grupo, das crianças individualmente e de seus processos, tanto na aprendizagem quanto no âmbito relacional e de grupo. Dessa forma, os relatórios são instrumentos valiosos de reflexão sobre a prática, por conter o registro, a memória do trabalho realizado com a turma. Constitui-se também em ponto de referência para o planejamento e a avaliação do trabalho.

Zabalza (2006) lembra, contudo, que os instrumentos de registro têm virtudes e limitações, portanto, há a necessidade de escolher e definir o instrumento mais adequado de acordo com os objetivos que se pretende alcançar e também variar esses instrumentos.

As docentes afirmam, ainda, que esses instrumentos foram elaborados a partir de estudos sobre o desenvolvimento infantil. Apesar de não terem mencionado quais foram esses estudos, supomos que tais instrumentos vão fornecer elementos para o professor pensar em como ele poderá intervir junto às crianças, trazendo a visão do desenvolvimento de forma global e ampla, acompanhando suas mudanças, conquistas e descobertas.

Abaixo as professoras falam quais os seus objetivos ao utilizar esses instrumentos e se têm conseguido atingi-los:

Sim. Porque elas [crianças] não ficam retraídas. (Renata)

Acredito que eles podem apontar caminhos para conhecer melhor e acompanhar o desenvolvimento das crianças. (Carla)

Em sua fala, Renata enfatiza a importância de as crianças sentirem-se à vontade durante os momentos avaliativos. Provavelmente a docente estava comparando as observações a determinadas situações avaliativas, como a aplicação de avaliações, por exemplo, em que as crianças sentem-se coagidas e amedrontadas.

Fazer o acompanhamento através de observações ajuda o professor a rever e aprimorar seu trabalho pedagógico, levando-o a repensar o seu planejamento e o trabalho cotidiano. Nesse sentido, avaliar a criança leva o docente a reavaliar sua própria prática.

Didonet (2006) ressalta que o modelo de avaliação escolhido pelo professor deve estar estreitamente articulado com os objetivos que se quer alcançar, ou seja, a coerência entre avaliação e finalidades da Educação Infantil é imprescindível, uma vez que se busca a formação com base nas práticas da Educação Infantil.

Nos depoimentos a seguir as professoras relatam de que forma utilizam as informações resultantes dos relatórios:

Sim. Trabalho em cima dos erros de cada criança. (Renata)

Sim. Para realizar intervenções pedagógicas. (Carla)

Para Renata o mais importante nos relatórios é poder constatar os “erros” e, dessa forma, realizar intervenções mais eficazes e diretivas. Como dito anteriormente, tal forma de perceber a avaliação traz como consequência a perda de inúmeras oportunidades de contribuir com o desenvolvimento das crianças, uma vez que não valoriza as conquistas já realizadas por elas.

Já a professora Carla fala da importância das informações obtidas e registradas para rever a sua própria prática. De fato, as informações registradas nos relatórios podem se constituir em subsídios importantes para que o professor reveja os caminhos trilhados, planejando novas atividades e articulando os objetivos da Educação Infantil com a realidade das nossas crianças.

Para Luckesi (*apud* LIBÂNEO, 1994) “a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino a aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.”

Segundo Micarello (2010), a avaliação é um componente do processo educativo e, articulada ao planejamento, se constitui em um importante instrumento de análise do trabalho

pedagógico nas instituições. Ela tem a importante função de diagnosticar e apontar rumos para a prática docente.

4.4 A opinião das professoras sobre a forma utilizada pela SME para avaliar as crianças na Educação Infantil

Abaixo as professoras relatam o que sabem sobre a avaliação realizada pela SME do município de Sobral com as crianças da Educação Infantil:

A avaliação externa é realizada em todas as escolas da rede municipal, a Secretaria de Desenvolvimento da Educação de Sobral, busca diagnosticar o nível de habilidade de leitura destes alunos. (Renata)

Sim. A Avaliação Externa de Leitura e Escrita das crianças em processo de alfabetização serve para acompanhar de forma mais precisa a alfabetização das crianças de Sobral. Uma das metas principais é que 100% dos alunos concluam a série alfabetizados dentro dos critérios estabelecidos pela secretaria. Esta avaliação é realizada ao final de cada semestre letivo, ou seja, duas vezes por ano. (Carla)

As professoras demonstram ciência de que o foco da avaliação aplicada pela SME com as crianças é a leitura e a escrita, mas nenhuma fala sobre a incoerência desta com a legislação.

Pensar em avaliação é fundamental para docentes de qualquer etapa da Educação Básica, mas no caso da Educação Infantil, existem algumas particularidades que precisamos levar em consideração, como, por exemplo, privilegiar os interesses e as necessidades de cada criança, valorizando suas descobertas. Com isto, nós podemos dizer realmente que estamos realizando um ato avaliativo centrado na criança, de modo a contribuir no desenvolvimento integral do potencial infantil.

Por isso, vamos analisar as falas das professoras sobre como a SME realiza essa avaliação nas instituições em que elas trabalham.

Essa avaliação é realizada nos meses de junho e novembro e tem como objetivo fazer o acompanhamento e a consolidação do processo de ensino e aprendizagem das crianças em processo de alfabetização. (Renata)

Essa avaliação acontece semestralmente com o intuito de avaliar se as crianças estão preparadas para o Ensino Fundamental. As instituições recebem avaliadores externos que aplicam testes individuais nas crianças. (Carla)

É visível que as professoras têm a ideia de que a avaliação submetida às crianças pela SME tem o caráter de preparação e promoção para o ingresso no Ensino Fundamental. As falas a seguir atestam suas opiniões sobre isso:

É uma avaliação inadequada para a Educação Infantil, pois as crianças, em muitos casos se retraem ou não demonstram o que sabem. A avaliação tradicional não deve ser fator determinante para julgamento do que se sabe. A criança deve ser avaliada à medida que ela vai se desenvolvendo. O município deveria diferenciar o modo de avaliar. (Renata)

Não deveria ser realizada da forma que é. Deveria acontecer uma integração maior entre avaliador e criança. (Carla)

Observamos que ambas as professoras discordam da forma de avaliação utilizada pela SME. Contudo, algumas das práticas avaliativas utilizadas por elas, especialmente por Renata, como, por exemplo, a utilização de testes tradicionais visando apenas a aprendizagem contradiz tais ideias. Dessa forma, podemos supor que as exigências da SME em relação às aprendizagens das crianças estão influenciando as práticas avaliativas nas creches e pré-escolas de Sobral, o que é preocupante, tendo em vista que, segundo Luckesi (2005, p. 41), “Avaliar um educando implica, antes de mais nada, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser, como está; para, então, a partir daí, decidir o que fazer.”

As professoras, entretanto, apesar de não concordarem, acabam priorizando o que é exigido pela SME, como, por exemplo, a alfabetização das crianças.

Quando questionadas sobre as possíveis relações entre essa avaliação aplicada pela SME e o desenvolvimento das crianças, as professoras dizem:

A avaliação é muito superficial. (Renata)

Não. (Carla)

A partir do que foi dito pelas docentes, observamos que a avaliação aplicada pela SME não atinge os objetivos propostos na LDB/1996. Esse tipo de avaliação tende a classificar as crianças, julgando o que aprenderam ou não aprenderam, padronizando comportamentos, quantificando seus saberes e apontando seus erros.

Segundo Rabelo (1988, p.1),

a avaliação deve ser contínua, de forma a verificar os vários momentos de desenvolvimento dos alunos, já que a ideia é dar ênfase também à comparação do aluno com o seu próprio desenvolvimento, ao invés de apenas comparar o seu rendimento, em um dado momento, com parâmetros externos a ele. Mas, enquanto prática, isto nem sempre acontece, verifica-se, isto sim, o contrário.

Além disso, esse tipo de avaliação não considera a história da criança, suas conquistas e suas descobertas como formas de intervenção que possam favorecer o desenvolvimento infantil, a ampliação dos conhecimentos e o crescimento de um modo geral.

Assim, além de conhecer a legislação específica sobre a avaliação na Educação Infantil, é fundamental que as professoras percebam a necessidade de acompanhar o

desenvolvimento da criança dentro de uma perspectiva que considera a aprendizagem como uma construção significativa, um processo constante, com conquistas realizadas diariamente e que nem sempre são percebidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico teve como um dos principais objetivos compreender o que as professoras de pré-escola pensam sobre a avaliação na Educação Infantil, procurando entender, também, quais suas percepções sobre a prática desenvolvida pela SME do município de Sobral para avaliar as crianças da Educação Infantil.

Partimos da premissa de que ainda existem no Brasil práticas na Educação Infantil que possuem um entendimento equivocado da avaliação nesta etapa da educação. Isso requer uma atenção especial não só na questão da escolha dos instrumentais avaliativos apropriados, como também a seleção rigorosa de profissionais que irão atuar, desenvolvendo esse processo. A não valorização do processo avaliativo para o desenvolvimento infantil através de consequências preocupantes que carrega traços do ensino fundamental, onde prevalece uso restrito de instrumentos de avaliação e a não valorização das ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagens oferecidas, enfraquecendo a auto-estima das crianças.

No entanto, na Educação Infantil assim como nas outras etapas da educação torna-se indispensável à existência de instrumentos avaliativos para assegurar a verificação da aprendizagem das crianças.

Vale destacar que no transcorrer dessa pesquisa foram encontradas delimitações na obtenção de informações específicas sobre o processo avaliativo e também acesso a materiais que comprovassem as propostas da SME. Apesar das dificuldades, a ambição de entender a prática avaliativa na Educação Infantil foi maior do que os obstáculos propostos, que só aguçaram a investigar cada vez mais acerca do tema.

No decurso da pesquisa, através das respostas dadas nas entrevistas realizadas com as duas professoras entrevistadas, como também da técnica da SME, os dados apresentados foram analisados conforme o referencial teórico construído nesse estudo.

Dessa forma, percebemos que, no geral, as professoras têm dificuldades de articulação de vários instrumentos de avaliação, sendo que na prática utilizam apenas o registro e, ainda assim, não apontam objetivos pontuais dos mesmos. Verificamos também que há incoerência entre a tendência pedagógica assumida pelas professoras com a prática avaliativa adotada pela SME, pois as docentes apenas realizam atividades e brincadeiras por realizarem, e não com a finalidade de educar, de ampliar o seu conhecimento.

Por meio da análise das entrevistas, ficou evidente que as professoras se preocupam mais em atingir as competências exigidas pela SME, do que em acompanhar e

contribuir no processo de desenvolvimento integral da criança. É evidente que se proponha novos métodos de aprendizagem adequados às nossas crianças que estão se desenvolvendo a todo o momento de modo global.

Dessa forma, os resultados apresentados detectam incoerência impedindo a articulação entre a avaliação e as finalidades da educação infantil, comprometendo o desenvolvimento infantil.

Frente ao exposto, percebemos que é urgente redefinirmos o significado do ato avaliativo no contexto educacional, incluindo o modelo de avaliação dos docentes, além do instrumento avaliativo da SME. Neste sentido propomos, uma reflexão coletiva e cooperativa sobre as concepções e reconstrução dos instrumentos de avaliação entre os educadores e a SME na discussão de questões avaliativas. A realização do trabalho pedagógico deve ser norteada de uma prática avaliativa coerente com a realidade de cada criança e não apenas no cumprimento de exigências feitas pela SME.

Desta forma, entendemos que é de suma importância que o professor utilize o instrumento adequado não só para a Educação Infantil, mas abrangendo todos os níveis da educação. Nesse processo, é necessário que o mesmo apresente estratégias para mediar ações educativas que favoreçam o desenvolvimento da criança (HOFFMANN, 2004), e isso exige, portanto, um olhar atento do professor, um olhar curioso que as observa, estuda suas reações e confia nas suas possibilidades.

Percebemos, contudo, que as docentes apresentam dificuldades em realizar avaliação, e que ainda não possuem um programa de formação continuada que aprofunde a compreensão desse ato avaliativo, a fim, que possam compreender a verdadeira função da avaliação e ajudar no desenvolvimento integral da criança. É necessário ofertar cursos e orientações pedagógicas para discutir sobre as concepções que fundamentam avaliação na Educação Infantil para que as professoras possam modificar sua forma de pensar e sua prática, tendo abertura para mudanças e inovações que contribuam para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Fica o desafio e o comprometimento de construirmos conhecimentos que legitimem as técnicas de avaliação na educação infantil, ajudando professores a crianças a avançarem para uma cultura de avaliação própria e autêntica que respeite as particularidades infantis.

Assim se faz necessário o resgate, na SME, bem como nas creches e pré-escolas, do verdadeiro papel da avaliação na educação infantil e da construção de uma concepção que se contraponha as funções quantitativas. Entretanto, esse exercício depende de estudos para

embasamento teórico e troca de experiências construídas pelos professores, além, é claro de conhecimentos das especificidades infantis e das diversas linguagens que compõem o campo da avaliação na educação infantil.

Nesse sentido, o presente trabalho certamente virá a contribuir de alguma forma para a conscientização da importância de revermos nossa concepção acerca da Avaliação na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, KRAMER, Sonia. O rei está nu: um debate sobre as funções da pré-escola. In: **Cadernos CEDES**. n. 9, p 27-38. São Paulo: Cortez, 1984.

BARBOSA, Carmem Silveira. O acompanhamento das aprendizagens e a avaliação. **Revista Pátio Educação Infantil**. Ano II, nº 4. Abr/jul., 204.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sári Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994. In: BRZEZINSKI, Iria. Pesquisar o quotidiano do curso de Pedagogia: uma investigação inconclusa. **Eccos Revista Científica**, n 1, ano 7. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://redalcy.uaemex.mx/pdf/715/71570106.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Lei nº 9.694, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. Resolução Nº 05 de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 2009.

_____. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC, SEB, 2006. 32 p.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BARBOSA, M.; HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, M. C.; KAERCHER, G. E. P. da S. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2004.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa & SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 1999. 360 p.: il.

DIDONET, Vital. Coerência entre avaliação e finalidades da educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, Ano IV, nº 10, mar/jun., 2006.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 5.

GADOTTI, Moacir. **Transformar o mundo**. São Paulo: FTD, 1991. 94 p.

GODOY, Arilda S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v 35, n. 2. Mar/abr. 1995 a, 57 – 63 p.

HADJI, Charles. **Avaliação desmitificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar reflexivo sobre a criança.** 7º Ed. Porto Alegre-RS: Mediação, 1996.

_____. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre-RS: Mediação, 1995.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 1995

_____. (Org.). **Com a pré-escola nas mãos.** Uma alternativa curricular para a educação infantil. 6 Ed. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de, (organizadoras). **Livro de estudo: Módulo III.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.94p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 1)

LUCK, David. J. WALES, Hugh G. TAYLOR, Donald A. **Marketing Research.** New Jersey: Prentice-Hall e Englewood Cliffs, 1970.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática.** 2. Ed. Ver. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005. 115 p.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999. 180 p.

MANARIN, Maeli Sorato. **A Avaliação na Educação Infantil: o que reflete esse processo.** UNESC. CRICIÚMA: 2009. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041FD.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2012.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação pedagógica: função e necessidade.** 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, 150 p.

MICARELLO, Hilda. **Avaliação e transições na Educação Infantil.** Brasília: 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso 2012.

OLIVEIRA, Zilma de M. **Creches: Crianças, Faz de Conta & CIA.** Petrópolis: Vozes, 1992.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil em Florianópolis.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002. P 159.

PASCAL, Christine; BERTRAM, Tony. **Desenvolvendo qualidades em parcerias: nove estudos de casos.** Trad.: Ana Maria Chaves. Porto (Portugal), Porto Editora, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas.** Petrópolis: Vozes, 1998. 1444 p.

Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTARÉM, M., CRUZ, M. Avaliação formativa na Educação Infantil. Pedago Brasil, Pedagogia e psicopedagogia. Disponível em:
<<http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/avaliacaoformativa.htm> >. Acesso em 2012.

SCHETTINI, FILHO L. **O Amor nosso de cada dia.** Recife-PE: Bagaço, 2002. V.1, 121 p.

SHIME, Sandra Bernardino. **A avaliação da aprendizagem em Educação Infantil.** Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010. Disponível em:
<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SANDRA%20BERNARDINO.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2012.

SHORES, Elizabeth F., Grace, Cathy. **Manual de portfólio: um guia passo a passo para o professor.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação de aprendizagem: práticas de mudança.** São Paulo: Libertad, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamentos e Linguagem** (trad.). São Paulo: Martins fontes, 1993.

ZABALZA, Miguel. Os diferentes âmbitos da avaliação. **Revista Pátio Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, Ano IV, N° 10. Mar/jun., 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE SOBRAL

Data da realização da entrevista: ____/____/____. Horário: _____

Local: _____

Nome da entrevistada: _____

Município: _____. Estado: _____

Eixo 1: Dados pessoais/ profissionais e formação

1. Quantos anos você tem?
2. Qual o seu estado civil?
3. Você tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
4. Qual a sua experiência profissional?
5. Há quanto tempo você trabalha com educação?
6. E com a Educação Infantil?
7. Com que faixas etárias você já trabalhou?
8. Há quanto tempo você trabalha nessa instituição?
9. Nessa instituição, com que faixa etária você trabalha ou já trabalhou?
10. O que te levou a trabalhar com a EI?
11. O que você acha dessa experiência?
12. Qual a sua formação inicial? Você acha que ela lhe preparou adequadamente para o seu trabalho com crianças pequenas? Por quê?
13. O seu município oferece formação continuada? O que você acha dessa formação? Ela contribuiu de alguma forma para a realização do seu trabalho? De que forma?

EIXO 2: Concepções de Criança e Educação Infantil

1. O que é criança pra você?
2. Como você define as crianças da sua turma? (Se você encontrasse uma amiga na rua e ela te perguntasse como são as crianças com as quais você trabalha, o que você diria?)
3. Como você acha que as crianças se desenvolvem? (O que interfere nesse processo?)
4. Qual o papel do professor nesse processo?
5. O que você faz para acompanhar o desenvolvimento das crianças da sua turma?
6. Por que você acha que as crianças frequentam a pré-escola?

7. Na sua opinião, qual a principal função da pré-escola que você trabalha?
8. O que você acha que as crianças aprendem frequentando essa pré-escola?

EIXO 3: Avaliação na Educação Infantil

1. O que você entende por avaliação?
2. E por avaliação na Educação Infantil, o que você entende?
3. A avaliação é presente na sua prática pedagógica?
4. O que você avalia? Por quê?
5. Em sua opinião, quais são os objetivos da avaliação na Educação Infantil? (Para que se avalia na Educação Infantil?)
6. Que estratégias/instrumentos você utiliza para avaliar? Por quê?
7. Como essas estratégias/instrumentos foram elaboradas?
8. Quais os seus objetivos ao utilizar essas estratégias/instrumentos? Acha que consegue atingir esses objetivos? Por quê?
9. Você utiliza as informações resultantes da avaliação? De que forma?

EIXO 4: Avaliação das crianças pela SME

1. Você conhece a avaliação que a SME realiza com as crianças da pré-escola? Pode me falar um pouco sobre essa avaliação? (Seus objetivos, como ela acontece, com que frequência, etc.)
2. Como a SME realiza essas avaliações na instituição em que você trabalha?
3. O que você acha dessa avaliação?
4. Você percebe alguma relação entre essa avaliação e o desenvolvimento das crianças? Qual (is)?

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA A TÉCNICA DE
EDUCAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE SOBRAL**

Data da realização da entrevista: ____/____/____. Horário: _____

Local: _____

Nome da entrevistada: _____

Município: _____ Estado: _____

1. A SME realiza avaliações na Educação Infantil?
2. O que é avaliado? Com quais objetivos?
3. Como acontece essa avaliação? (Com que frequência? Onde ela acontece?)
4. Que instrumentos são avaliados? Por que são avaliados?
5. Por que acontece dessa forma? Quais os seus objetivos?
6. A professora participa dessa avaliação? Por quê?
7. O que levou a SME a realizar esse tipo de avaliação?
8. O que é feito com os resultados dessa avaliação?
9. Você acredita que essa avaliação tem alguma relação com o desenvolvimento das crianças? Qual (is)?
10. Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre essa avaliação?